



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

SÃO PAULO, SP, 24 DE NOVEMBRO DE 2002

*Senhor Governador Geraldo Alckmin; Dona Maria Lúcia; Dona Vilma Motta; Senhores que estão aqui, ao nosso lado; Senhoras e Senhores,*

Acho que o essencial já foi dito, aqui. Queria apenas, primeiro, dizer umas palavras de referência aos Correios e ao que tem sido feito nessa organização exemplar. O Ministro Juarez Quadros deu algumas informações a respeito dos Correios. Mas nós todos nos sentimos orgulhosos de saber que existe, no Brasil, uma instituição como os Correios. Quarenta e cinco mil carteiros. Quantos mil funcionários? Noventa e oito mil funcionários. Essa imensa quantidade de entrega – 35 milhões de entregas diárias – é alguma coisa extraordinária, e sempre feita com seriedade, com pontualidade, com confiança. É uma das instituições mais queridas e respeitadas no Brasil, e não apenas em seu aspecto primordial, postal, mas, também, hoje, como banco popular, que começa a se enraizar, através dos Correios do Brasil, e, principalmente, como ponto de encontro cultural.

Dentro de pouco tempo, nós vamos ver, também, o acesso aos computadores, à Internet, através das agências dos correios, fazendo com

que, realmente, exista uma democratização da utilização desses instrumentos mais modernos. Num dado momento, poderia se pensar que os Correios sofreriam abalo em função justamente da revolução tecnológica, mas, pelo contrário, essa revolução tecnológica colocou um desafio aos Correios, que estão sendo capazes, de alguma maneira, de estar integrados a esse novo momento da história.

Em segundo lugar, quero dizer que esse esforço imenso que foi feito no Brasil, na área das telecomunicações, é também, como nos Correios, motivo de orgulho para todos nós. Os números mencionados pelo Ministro passam despercebidos, em geral, no Brasil, porque nós nos desacostumamos à auto-estima, e nós precisamos ter auto-estima. Um país que foi capaz de, num período de seis anos, sete anos, no máximo – que houve um tempo ainda de maturação –, fazer uma transformação em todo o sistema de telefonia, que passa de 3 milhões para 50 milhões de telefones fixos, é qualquer coisa de extraordinário. E aqui, entre nós, isso passa como se não fosse nada. Sem falar na telefonia celular, que passou de praticamente zero para 30 milhões, em seis, sete anos. E isso não poderia ter sido feito, não fosse – e aí me refiro ao essencial – o dinamismo do Sérgio Motta. Na verdade, não dava para acreditar que essas coisas pudessem, nessa velocidade, com a decência com que foram feitas, com rapidez, num prazo tão curto, dar resultados tão positivos.

Ainda me recordo, na campanha de 94, de que nós começamos a discutir o que fazer com sistema de telefonia no Brasil, porque nós todos estávamos vendo o que estava acontecendo no mundo: a revolução tecnológica dos meios de comunicação, e o Brasil, vejam, só 3 milhões de telefones para 160 milhões de habitantes. Isso não era nada. Era alguma coisa que, realmente, impossibilitaria ao Brasil entrar na nova era, que é a era da informação, que é a era do conhecimento. Impossibilitaria.

Lá, na Rua dos Ingleses, onde eu tinha um pequeno escritório, nos debatíamos horas a fio com o Paulo Renato, o Sérgio, o Eduardo Jorge, e eu pensando o que fazer com tudo isso. E começamos a buscar pessoas nos serviços que já existiam no Brasil, porque a verdade é que, nos anos 70, o País se preparou e é justo dizer que foi naquele período que

houve, realmente, apesar de o regime ser autoritário, um avanço muito grande no sistema de comunicações. A formação da Embratel, a Telebrás, o sistema, no seu conjunto, sempre dispôs de técnicos competentes, qualificados e decentes. E nós fomos buscar esses técnicos para ouvi-los, antes mesmo das eleições, porque nós sabíamos que era preciso fazer alguma coisa. Mas, se não fosse o dinamismo do Sérgio, nada disso teria ocorrido. Muitos, aqui, conheceram o Sérgio. No começo, resistiu a certas modificações. Quando entendeu o que tinha que ser feito, ninguém mais do que o Sérgio lutou para implantar rapidamente um novo sistema. Esse novo sistema era arriscado, havia uma luta tremenda, porque diziam que, ao privatizar a telefonia, o Estado perderia o controle. Mas, não. Isso tudo foi feito com a preocupação permanente de que o órgão de regulação, a Anatel, tivesse força para evitar que houvesse distorções. E, mais ainda, para que o modelo implantado fosse o modelo que assegurasse a competitividade, de tal maneira que o ganho fosse maior para o consumidor final do que para o investidor ou, pelo menos, que não se concentrasse só no investidor – aliás, muitos estão tendo prejuízo –, mas o consumidor final pudesse ter, sim, acesso mais rápido.

Isso só pôde ser feito na velocidade em que foi, por causa do Sérgio, que era, como nós todos sabemos, aquela força da natureza que, realmente, quando resolvia fazer alguma coisa, não havia quem o segurasse. E fazia com determinação e com uma qualidade essencial para mostrar liderança. Ele não foi impor àqueles que trabalhavam no serviço de telefonia, na Telebrás e no Ministério. Ele não foi impor nada de fora, ele buscou o apoio de dentro, ele liderou e ganhou, para o lado do ponto de vista dele, aquilo que era essencial, que era o apoio da casa. E foi com esse apoio que foi possível levar adiante a transformação imensa. E foi com esse apoio que foi possível que o Sérgio debatesse infinitas vezes, no Congresso, para convencer os congressistas da importância das modificações que haviam de ser feitas na lei geral de telecomunicações. E foi com essa força extraordinária do Sérgio que foi possível incutir o entusiasmo, sem o qual nada funciona, para que, em prazo curto, houvesse a capacidade dessas transformações.

Eu não vou me esquecer, nunca, das infinitas vezes em que o Sérgio ia lá para o Palácio da Alvorada, a qualquer hora, porque o Sérgio nunca foi de muita formalidade, então ia lá com aquela pasta imensa, com uma papelada imensa, com coisas técnicas, com detalhes, como era do feitio dele. E, embora ele soubesse, ou devia desconfiar, que eu não estava entendendo nada, ele me explicava, nos detalhes, matérias extremamente complexas a respeito do modelo geral de telecomunicações, pelo valor de lealdade, que sempre foi essencial no comportamento do Sérgio Motta.

Isso tudo foi feito visando a um Brasil melhor, a um Brasil mais moderno, a um Brasil mais competente, a um Brasil capaz de acreditar em si mesmo. Mas não pode haver um desenvolvimento científico, tecnológico, não pode haver uma modificação, mesmo da regulação do Estado, não pode haver o fortalecimento das estruturas públicas, se não houver a compreensão de que há valores cultivados e transmitidos pela cultura. E o Sérgio foi exemplo claríssimo de pessoa que sabia que, ao mesmo tempo em que era necessário fazer a infra-estrutura, o *hardware*, o *software*, era preciso, também, que as pessoas saíssem da casca e tivessem sensibilidade.

Em todo esse tempo em que Sérgio foi Ministro – e mesmo, muito antes, a Wilma já contou, no tempo do *Jornal Movimento*, no tempo das iniciativas diretamente culturais, como produtor de teatro –, Sérgio nunca separou a economia, a tecnologia, da crença, dos valores, da arte, da sensibilidade, da busca de um ideal de aperfeiçoamento, de um ideal de beleza. Durante todos os anos em que o Sérgio trabalhou comigo, e foi até a sua morte, ele tratou de fazer com que houvesse uma preocupação, nas várias instituições públicas, para que nós reerguêssemos o nosso patrimônio material, os nossos monumentos, para que nós incentivássemos o cinema, para que nós incentivássemos o canto, a música, para que incentivássemos as artes plásticas, enfim, todas as expressões artísticas.

Uma vez – o Ministro Francisco Weffort, que está aqui, que é Ministro da Cultura, há de se lembrar disso –, fizemos uma reunião com todos os dirigentes das estatais brasileiras, para determinar que, utilizando a Lei de Incentivo, fosse possível fazer, organizadamente, ou mais

organizadamente possível, um programa de apoio à cultura, e eu disse ao Weffort que o Sérgio Motta foi – mesmo que você não precisaria deixar de reconhecer, porque é verdade – Ministro-Adjunto da Cultura. Enquanto ele viveu, ele funcionou, ao lado de Weffort, como Ministro-Adjunto da Cultura, tratando de incentivar.

Isso está no Brasil inteiro, está lá no Pará, na modificação que tem, lá, no Porto do Pará, no paredão que lá está. Está em Pirenópolis, onde, infelizmente, a igreja de que todos gostávamos tanto pegou fogo. Está, agora, no Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional, que fui inaugurar recentemente. Está espalhado no Brasil todo e, em toda a parte, se vê que, por trás, houve o incentivo. Enquanto o Sérgio esteve vivo, certamente as pessoas iam a ele, porque sabiam que ele, como se dizia, era capaz de atropelar, quando era necessário, as resistências burocráticas e colocar os recursos à disposição dos criadores culturais.

Portanto, realmente, nada nos apraz mais do que estarmos, hoje, aqui, no coração de São Paulo, como tão bem disse o nosso Governador, inaugurando dentro dos Correios uma obra cultural. E os Correios têm tido um papel muito grande nesses centros culturais, um papel de dinamização da cultura. E este vai ser um espaço de encontro, um espaço de encontro cultural, que vai ajudar essa revitalização do centro de São Paulo e vai permitir, como sempre foi o desejo de todos, que, ao lado das transformações econômicas, que é uma das modificações que introduzimos em vários setores de nosso país, nunca se deixe de ver, com muita força, que tudo isso precisa de uma expressão cultural, que precisa ter continuidade, ou, pelo menos, que a memória das coisas devem ser guardadas. A descoberta de novas dimensões dos seres humanos depende de locais de encontro, locais em que se possam debater assuntos culturais. O Estado propicia o local, mas a liberdade que uma sociedade democrática assegura propicia a criatividade, sem nenhum constrangimento.

E nós – e a Wilma mencionou isso –, que passamos por épocas de constrangimento, sabemos valorizar a liberdade. Ninguém melhor do que o Sérgio sabia valorizar a liberdade. Quando foi feito o *Jornal Movimento*, que foi uma espécie de dissidência de outro jornal de oposição,

chamado *Opinião*, eu tomei a decisão de participar dos dois. Fui membro do conselho editorial do *Opinião* e do *Movimento*, para evitar que houvesse fragmentação entre os que queriam a mesma coisa, em função de diferenças menores. E lá, no *Jornal Movimento*, na verdade, quem, de novo, era o dinamo era o Sérgio Motta. Havia, naturalmente, pessoas de grande valor, que estavam à frente do jornal, que lutavam, Raimundo Pereira, por exemplo. Havia gente de muita valia no combate, mas poucos sabiam que esse combate só era possível, porque o Sérgio Motta propiciava os meios para que o jornal existisse. Mas ele não propiciava os meios como quem dava dinheiro e lava as mãos. Não. Dinheiro ninguém gosta de dar, e o Sérgio não era de lavar as mãos. Ele ia brigar por aquilo que achava certo e contra o que achava errado nas linhas políticas que se estavam desenvolvendo no *Jornal Movimento*.

De modo que, ao vermos este ponto de encontro, aqui, recordamos de tudo isso. E sabemos que são formas pelas quais se leva adiante, de maneira efetiva, a construção de uma sociedade, que, espero, nunca mais vai ter, no futuro, que passar pelos momentos que passamos, há não tantos anos assim, que tanto custaram para que nós pudéssemos, hoje, respirar esse ar de liberdade. Como eu disse outro dia: quando há liberdade, ela é como oxigênio; ninguém dá muita atenção, ninguém presta muito atenção que há oxigênio. Quando começa acabar a liberdade, todo o mundo, então, percebe esse valor enorme.

Pois é a um lutador pela liberdade, a um homem que fez uma revolução, com seus companheiros, na transformação do sistema de telecomunicações, a um homem que foi o impulsionador do desenvolvimento cultural do Brasil, do renascimento da cultura nos dias que correm, que nós, com muita emoção, estamos prestando, hoje, esta homenagem. E agora que estou quase a terminar o meu mandato, eu me sinto mais à vontade para dizer que não iria feliz para minha casa, no final do meu mandato, se não tivéssemos concretizado isto, que também foi um sonho do Sérgio, e se não pudéssemos ver aqui, na nossa cidade de São Paulo, bem no coração dela, este nomão cheio de generosidade e de amor, que foi o nome de Sérgio Motta.

Muito obrigado.